

GRUPO EDUCACIONAL FAVENI

NADIA CRISTINA FERRO

**METODOLOGIAS DE APRENDIZAGEM E O PAPEL DO
PROFESSOR NO PROCESSO DO APRENDER**

GRAVATAÍ

2019

GRUPO EDUCACIONAL FAVENI

NADIA CRISTINA FERRO

**METODOLOGIAS DE APRENDIZAGEM E O PAPEL DO
PROFESSOR NO PROCESSO DO APRENDER**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do título
especialista em GESTÃO DO TRABALHO
PEDAGÓGICO (Supervisão, Orientação,
Inspeção e Administração).

GRAVATAÍ

2019

METODOLOGIAS DE APRENDIZAGEM E O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DO APRENDER

RESUMO- É necessário e importante pensar em metodologias de aprendizagens adequadas ao trabalho pedagógico. O que é certo é que o professor deve assumir a responsabilidade no processo, porém, tendo o aprender do aluno como objetivo principal, dispondo para isso de variadas estratégias para atingi-los. Assim o professor deve conhecer o seu aluno, oferecendo a ele o trabalho mais condizente com suas necessidades e oportunizando a sua autonomia, ou seja, lhe serão apresentadas as formas de aprender e ele (aluno) se adequará conforme a sua especificidade. Aliado a isso, o professor deve estar sempre se remodelando, buscando se ajustar ao tipo de aluno que está hoje nas escolas, significando suas aulas e dando sentido a tudo que é aprendido.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologias. Estratégias. Autonomia. Sentido.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho está baseado na rotina diária do professor, onde o mesmo é desafiado a apresentar resultados positivos em relação à aprendizagem de seus alunos.

Certamente todo professor faz a si próprio o seguinte questionamento: Qual seria a melhor metodologia empregada a fim de alcançar uma boa aprendizagem dos alunos?

Muito se fala sobre educação e aprendizagem e a tentativa feita aqui não é de apresentar uma solução, mas sim de proporcionar um novo olhar sobre o desafio de ensinar. Junto ao desafio vem o amor pela profissão, o compromisso, respeito e a contínua caminhada buscando o novo.

E ainda, qual a importância do professor? Todos aprendem do mesmo jeito? O que devo ensinar? Como devo fazer se não sei o que o aluno deseja?

É lógico que as respostas aos questionamentos não são fáceis de encontrar, pois muitas pessoas dedicaram suas vidas aos estudos na área pedagógica. Seria interessante se houvessem modelos prontos, porém, isso não existe para todos os alunos. Talvez alguns obtivessem o êxito, mas outros o fracasso.

Muito importante é o professor preparar o aluno para que tenha capacidade de trabalhar em grupo, de criar suas formas de estudar e aprender.

A seguir serão apresentadas as teorias e sugestões de alguns dos estudiosos no assunto, visando construir um novo olhar sobre a metodologia de aprendizagem adequada ao grupo de trabalho, construindo uma nova concepção de educação.

Convido a uma reflexão sobre a aprendizagem e à tomada de atitudes para oferecer aos alunos a melhor forma de aprender.

2. DESENVOLVIMENTO

A escola que temos hoje ainda está fundamentada, apegada ou vinculada na escola com metodologias anteriores. Ou seja, os professores que foram formados nos últimos tempos nas Universidades, em sua maioria, vieram das escolas mais tradicionais, trazendo consigo, enraizados no seu ser professor, as marcas daqueles que foram seus mestres quando estudantes, tentando até utilizar a mesma forma, linguagem ou metodologia para com seus alunos de agora.

Fazendo uma retrospectiva, houve o tempo em que somente os meninos chegavam à escola, pois eles eram treinados, estimulados e incentivados a serem os representantes da família, responsáveis pelo sustento da mesma. As meninas, por sua vez, eram ensinadas a serem mães e donas de casa, cuidavam da educação dos filhos.

Com muita dificuldade as meninas conseguiram chegar aos bancos escolares, tornando-se aptas ao conhecimento.

Após muita luta em busca da igualdade, a educação/escolarização foi oportunizada a todos.

Porém, numa sociedade ainda conservadora, o professor permaneceu no seu papel de detentor total do conhecimento, dono do respeito de todos, personalidade importante na sociedade, livre para ensinar do seu modo, repreender e castigar seus alunos. O aluno, por sua vez, ouvia, obedecia, não questionava (pois não lhe era dado este direito) e era treinado em suas ações.

Durante muitos anos a prática nas escolas apresentou-se ameaçadora, autoritária e seletiva, excluindo muitos do processo, pois ainda classifica em aprovado ou reprovado, fazendo seleções.

O tempo foi passando e alguns professores ainda têm esta forma de dar as suas aulas, pois aprenderam assim e consideram que é a melhor maneira de ensinar, outros se tornaram mais acessíveis, proporcionando um ensino mais dialogado, porém trazendo a mesma metodologia utilizada de antigamente, tendo o professor como centro da aprendizagem e detentor do conhecimento, oferecendo um ensino fora do interesse do alunado atual.

Não temos mais os mesmos alunos, as mesmas crianças e adolescentes. Não somos os mesmos professores de antigamente, mas muitos assumem

ainda esta postura, pois nem as Universidades preparam realmente para a atuação em sala de aula.

Neste sentido, deve haver uma mudança estrutural coletiva. Na sociedade: sabendo qual o papel da escola e o que esperar dela; nas Universidades: trazendo mais presentes as práticas educativas, a realidade escolar, as vivências atuais na área da educação; nas famílias: participando e apoiando as atividades escolares; nas escolas: trabalhando com metodologias mais atuais, onde a peça fundamental seja o aluno e o professor seja o mediador do processo, também, fazer o acompanhamento diário da sala de aula para verificar o processo; enfim, uma mudança no professor, que é o grande agente educacional, a alma de toda instituição de ensino, deve sentir-se peça importante e capaz de realizar diferentes trabalhos com seus alunos.

Nesse processo, sabemos que não há receitas prontas, tampouco fórmulas mágicas que terão resposta totalmente garantidas em se falando de qual a melhor metodologia deve ser utilizada. O que se pode falar, é que, temos que analisar todas as condições para escolher qual seria o melhor caminho para atingir o objetivo principal da educação: a aprendizagem.

Falar em aprendizagem não é fácil, pois é um processo contínuo e complexo.

Para o psicólogo Jean Piaget (1974) a aprendizagem procede do acertar e tem como objetivo o saber-fazer, para ele o acerto é uma espécie de compreensão em ação.

Segundo Michel Perraudeau (2009) a aprendizagem ocorre segundo dois sentidos: o primeiro relativo as atividades relacionadas a aprender, onde são utilizados e aplicados procedimentos simples, e o segundo relativo as atividades voltadas ao compreender, onde não há só a reflexão e o raciocínio, mas também há trocas, diálogos, criação, inovação e tomada de decisões.

De acordo com o psicólogo Olivier Houdé (1998) podemos distinguir duas categorias de aprendizagem: o comportamentalismo ou behaviorismo, e o cognitivismo ou construtivismo.

No contexto escolar, a aprendizagem consiste em apropriação de saberes, saber-fazer e saber-ser. Segundo Houssaye (1993), é um processo que vincula os tipos de saberes.

O modelo de aprendizagem de forma tradicional ou comportamentalista se dá, inicialmente, através do condicionamento, onde há o reforço positivo ou negativo, utilizando como instrumentos as notas, recompensas ou punições. É uma metodologia organizada, ainda utilizada por muitos professores e instituições de ensino. Esta forma propõe que os alunos com alguma dificuldade devam repetir diversas vezes o que lhes é proposto sempre de forma simples. Vale lembrar que este formato limita o aluno, pois não lhe é “permitido” evoluir além do que é proposto.

O cognitivismo, modelo oriundo nos Estados Unidos, é baseado na ação e reação, ou seja, na forma que as informações são coletadas e no que é feito com elas. Essa forma trabalha as informações de maneira sequencial.

Conforme o modelo construtivista, que tem Piaget como um dos seus estudiosos, coloca o sujeito como elemento principal da aprendizagem, e não aquele que sofre a ação do meio. Uma das suas principais características é fazer com que o aluno pense para construir suas respostas.

Todo o conhecimento relacionado a estas formas de aprender são de grande importância, pois, cada educador necessita conhecer todos os formatos possíveis para conseguir optar e adaptar o seu trabalho da melhor forma a atingir seu aluno.

É impossível avaliar qual delas é competente ou adequada, porque todas têm o seu sucesso. O que não podemos aceitar é que o professor adote uma destas metodologias sem o conhecimento das demais, ou ainda, trabalhe da mesma forma por anos, sem mudança.

Então, qual é a melhor alternativa para atingir uma boa aprendizagem?

Desde que se sabe, na cultura grega, o professor tinha vital importância na sociedade para a transmissão da cultura. As escolas de Sócrates, Platão e Aristóteles não trabalhavam uma listagem de conteúdos limitados, discutiam o que era essencial, e sabiam disso, pois viviam da reflexão. Um exemplo era Sócrates, que caminhava com seus alunos, provocava-os para fazê-los pensar. Outro exemplo sobre a reflexão foi Jesus Cristo, que contava histórias, parábolas e reunia multidões ao seu redor, utilizando a pedagogia do amor. Para ele não era importante registrar a matéria, nem conteúdos, nem avaliação; ensinava com tranquilidade o que era importante para as pessoas a sua volta.

Há uma semelhança entre Sócrates e Jesus Cristo, ambos queriam formar pessoas melhores.

O professor precisa ter convicção naquilo que diz, deve acreditar naquilo que ensina, para que os alunos também acreditem. Precisa estar preparado para atingir seus objetivos.

Segundo Marguerite Altet (1997, p 21), “Para alcançar o objetivo de uma aprendizagem preocupada com o bom desempenho de todos os alunos certas pedagogias são mais eficientes do que outras”. Ela destaca vários critérios que caracterizam essas pedagogias de aprendizagem, estas se apóiam em referenciais teóricos com as concepções behavioristas do conhecimento, do construtivismo ou do interacionismo.

Ou seja, segundo ela, não existe um modelo pronto a ser usado e que este será o correto. Todas as técnicas são válidas, darão certo, porém, podemos ter êxito com um grupo de alunos e com outros não. Podemos ter resultados com uma turma e com outra não atingir.

Para Vygotsky (1985, p 21), “A transmissão social é a mediação indispensável à aprendizagem.” Ele defende a ideia de que um aluno, quando está acompanhado por outro aluno ou por um adulto, pode ter um desempenho acima do seu individual. Também defende a ideia de que o professor não é o detentor e transmissor do conhecimento, mas sim o mediador, aquele que intermedia o processo entre o aluno e o saber.

Segundo uma visão comportamental, a aprendizagem é a forma de aquisição do conhecimento e os procedimentos utilizados para alcançar o resultado.

De acordo com o filósofo Alain (1976), é dada importância na eficácia e no sucesso e não na compreensão. Ele defende a ideia de que o professor deve instruir o aluno a tomar suas decisões, a criar as suas estratégias para atingir o sucesso. Ele diz: “Por querer colocar essas crianças em condições de ganhar sua vida, treino-as como se treina macacos. Mas reservo horas também para o pensamento.” (1976, p 25) Ele busca a eficácia. O aluno é treinado várias vezes, tantas quantas forem necessárias, para cumprir tal tarefa. Porém não se sabe se terão êxito em atividades que precisem aplicar esse conhecimento diferente dos trabalhados anteriormente.

Conforme o pensamento construtivista, o aluno é colocado no topo do processo de aprendizagem, onde o professor não lhe treina, ao contrário, lhe propõe situações novas e desafiadoras, onde este aluno será capaz de modificar seu pensamento e criar estratégias para atingir o objetivo proposto. É claro que de acordo com esse pensamento, há a possibilidade de erro. Porém ele não é visto de forma negativa, ao contrário, ele é utilizado como aprendizagem, ou seja, deve-se compreender o porquê de uma hipótese ou resposta estar correta ou não. Este método é muito interessante, pois permite ao aluno que haja sozinho ou em grupo, mas ele é o autor do seu conhecimento.

Mas o papel do professor é fundamental neste caso, pois, embora não seja o transmissor total do conhecimento, ou aquele que apenas treina seus alunos, ele é quem cria situações, dá todo o suporte necessário, auxilia sempre até atingir o resultado desejado, inclusive transforma a dificuldade em novos aprendizados, nunca criando barreiras, obstáculos inatingíveis ou bloqueios em relação a algum conhecimento.

Ainda em relação ao professor neste processo, é necessário que esteja bem preparado, que conheça várias estratégias para poder auxiliar plenamente o seu aluno.

Piaget (1974) estabeleceu em seus estudos, formas de compreender os estágios do pensamento do indivíduo e, sendo assim, as formas de aprender, chamada Teoria Piagetiana, onde estão explícitas as etapas de desenvolvimento da inteligência.

- Inteligência sensório-motora: do nascimento até por volta de dois anos, onde a criança descobre o mundo que a cerca;
- Pensamento pré-operatório: de dois a seis anos aproximadamente, onde a criança usa símbolos, a linguagem e desenhos. O seu pensamento é intuitivo;
- Pensamento operatório-concreto: de seis a doze anos, onde se dá o início da interiorização dos objetos a partir do concreto, transformando-o mentalmente;
- Pensamento operatório-formal: não tem idade bem definida, pois, é a fase em que não há mais a necessidade do concreto, nesta fase o seu pensamento é capaz de induzir ou deduzir sobre os objetos.

Para o professor, ter o conhecimento das etapas do desenvolvimento é de suma importância, pois precisa estar ciente da forma mais adequada de abordar seus assuntos, levando em conta as fases do desenvolvimento da inteligência dos seus alunos. Cada nível requer um tipo de abordagem para que os resultados sejam atingidos com êxito.

De acordo com a teoria de Piaget (1974), podemos observar a forma como se inicia a aprendizagem. Já Vygotsky (1985), mostrou que a forma como o sujeito se desenvolve recebe a influência de como aprende.

O que é certo é que, independente de que teoria tomamos como base para nossas observações, notaremos que cada criança ou adolescente se desenvolve diferente das demais, pois sua conduta é única.

E aí está a difícil tarefa do professor, fazer as observações necessárias e assim fazer as interferências, utilizando de suas estratégias para alcançar o melhor nível de aprendizagem por parte do aluno. Muito importante que o professor, nesta situação, tenha uma postura tranqüila, organizada e determinada, trazendo o aluno para a compreensão do que deseja, nunca assumindo postura de rotular ou excluir as formas diferentes de pensar.

O professor deve estar atento para compreender a forma que o aluno aprende observar quais são as estratégias por ele utilizadas para realizar as atividades propostas. Piaget (1974) nomeia esta conduta de “esquemas”, ou seja, quais são as ações utilizadas em um determinado momento e que serão reutilizadas posteriormente da mesma forma ou adaptadas.

Gérard Vergnaud (1996), também defende esse pensamento de esquemas, porém o denomina de “campos conceituais”, onde relata que o aluno utiliza conceitos e representações do seu conhecimento para desenvolver novas atividades.

Sob essas óticas é importante salientar que cada aluno desenvolve estas estratégias no momento que sente a necessidade de buscar estes esquemas ou conceitos, de forma inconsciente. E o professor, como bom observador e agente facilitador, deve auxiliar para que o aluno tenha consciência na transformação desses conceitos e esquemas em aprendizagem.

Nesse momento podemos abrir fala à inclusão. Cabe ao professor integrar estes alunos no processo de aprendizagem. Há muitos estudos que propõem que, aos alunos com necessidades especiais, as práticas educativas sejam

baseadas em um currículo comum, para que todos possam ter as mesmas experiências de aprendizagem.

O que vai influenciar diretamente nisso é a forma como o professor e a escola veem o currículo escolar. Se este for fundamentado em conteúdos, haverá uma grande possibilidade de fracasso na aprendizagem. Porém, se a escola e o professor levam em conta os conteúdos e o desenvolvimento social e pessoal do aluno, este estará integrado ao grupo e terá seus progressos.

Nos estudos de Norwich, ele revela:

Proporcionar tantas quantas experiências iguais de aprendizagem quanto possível, ao mesmo tempo em que se levam em conta as necessidades individuais. Manter um equilíbrio. Isto é difícil e requer compromisso e recursos. Adaptar o modo de ensinar as mesmas experiências de aprendizagem, de tal maneira que possam avançar e tenham experiências relevantes de aprendizagem. Oferecer aos alunos o que possam compreender, o que os motiva e se ajusta as suas necessidades. (Norwich, 1993, p 39)

Como já foi mencionado anteriormente, nenhum aluno é igual ao outro, cada um requer uma atenção do professor para se desenvolver.

O professor como ser mediador, irá conduzir da melhor forma o processo de aprendizagem, auxiliando a todos, para que, cada um na sua individualidade, alcance o melhor resultado.

Para isso o professor deve elaborar sua prática pedagógica contemplando a aprendizagem. Deve levar em conta a forma como o conhecimento é produzido para alcançar o saber. Deve observar o tratamento das informações, o raciocínio, a memorização e a atenção.

Há também que se atentar as funções conativas, relacionadas com a motivação, confiança, autoestima, estresse e afeto.

O afeto é fundamental no que se refere à aprendizagem, pois o aluno procura atenção, paciência e disponibilidade, tornando os vínculos mais sólidos. E, se encontrar tudo isso no professor, com certeza seus objetivos serão atingidos com maior facilidade.

Analisando estes aspectos, conseguimos observar os processos de aprendizagem. Porém, nem sempre que uma tarefa é realizada houve a compreensão do trabalho a ser executado. A compreensão exige clareza, ciência do que deve ser feito. Piaget (1974) e Flavell (1990) indicam essa

competência como “metacognição”, que é a capacidade de analisar e usar todo o seu conhecimento adquirido para o fim desejado.

Segundo Piaget (1974) esse processo consiste em transformar o conhecimento prático para a reflexão, ou ainda, a transformação dos esquemas em ações.

Para Flavell (1990):

A metacognição refere-se ao conhecimento que se tem dos próprios processos cognitivos, de seus produtos e de tudo o que está relacionado a isso, como, por exemplo, as propriedades pertinentes para a aprendizagem de informação ou de dados. (citado em Noël, 1990)

Dando a noção de que todo o processo de aprendizagem está compreendido das experiências cognitivas acumuladas durante a execução das tarefas.

Brown (1975), após as pesquisas de Flavell (1990), se interessou e desenvolveu estudos sobre a “gestão da atividade mental”, ou seja, ao controle e regulação dos processos mentais, as decisões e aos comportamentos estratégicos, que permitem modificar o pensamento em caso de necessidade.

Nesta linha, Kluwe (1980), relata sobre a regulação, abordando que a realização de uma tarefa depende do controle que o sujeito tem para realizá-la, abordando a tomada de consciência. Segundo ele: “O controle e a regulação das atividades cognitivas supõem que o sujeito disponha de conhecimentos acerca de suas atividades e de informações sobre seu desenvolvimento.” (1980, p 68)

Deve-se levar em conta que, a regulação não compreende apenas a administração do tempo para realizar determinadas tarefas, mas também nas intenções do sujeito em seus objetivos de realização.

Vygotsky (1985) se dedicou ao estudo da construção de conhecimentos na interação com outros. Segundo ele a função psíquica nasce primeiramente relativa à cultura que a pessoa pertence e após é interiorizada por ele.

“O saber é considerado não como um produto, mas como um processo”, são palavras de Britt-Mari Barth (1987, p 69), que considera que a interação entre sujeitos na construção do saber é de fundamental importância. Ela defende a ideia que sem a intervenção, discussão e diálogo com o outro, não há a conscientização, portanto, não há a compreensão.

Para tanto, retomo a importância da postura do professor como um ser mediador e condutor da situação. Barth (1987, p 69) defende que a atividade pedagógica “Consiste em ajudar o aluno a tomar consciência do seu pensamento.” É mais uma prova que o professor tem papel fundamental no processo de aprendizagem, devendo buscar do aluno o seu melhor potencial.

O professor ainda deve ter sensibilidade, pois, segundo Içami Tiba (2008, p 51), “Não se pode esperar a vontade de estudar chegar. Esta espera pode ser infinita para a maioria dos estudantes...”

Aquele professor que tiver compromisso com a aprendizagem, certamente buscará o melhor. Será aquele a propiciar que seu aluno se aproprie do conhecimento, dando condições e autonomia, para alcançar os melhores objetivos e resultados.

3. CONCLUSÃO

Com base em todo o estudo feito, fica claro que não existe nenhuma forma ou metodologia de aprendizagem correta ou incorreta.

Cabe ao professor tornar-se o ser fundamental neste processo, pois ele é o responsável por criar as estratégias adequadas para mobilizar seus alunos, tornando sua tarefa eficiente.

Para isso, precisa estar em constante aprimoramento de seus conhecimentos pedagógicos.

O professor é a alma da educação e da escola, o sujeito mais importante na formação do aluno.

Um bom professor é aquele que tem conhecimento no assunto a ser trabalhado e faz o seu trabalho com êxito. Porém não basta ser assim!

Deve ser um educador, no sentido mais amplo da palavra, ou seja, deve analisar sempre quais são as melhores e mais favoráveis condições para a aprendizagem. É aquele que oferece as condições para que o aluno desenvolva o seu raciocínio, que estimula o pensamento, dialoga, oferece um ambiente adequado, é organizado, dá sentido ao que está sendo aprendido, valoriza a participação de cada um no processo e dá autonomia.

Aquele que conseguir reunir estas habilidades tornar-se-á um professor formador, pois estará auxiliando ao seu aluno na sua formação, onde ele irá criar as suas estratégias para buscar aprender. Este é o principal objetivo pedagógico: dar condições ao aluno para criar seus procedimentos e tornar esse processo eficaz.

Mas este processo não é fácil!

O professor encontrará inúmeras dificuldades em sua caminhada; a escola que não apóia; os pais que não aceitam; colegas que criticam; alunos que não participam.

Aquilo que é difícil é inatingível ou deve ser deixado de lado?

Não!

Deve haver uma mudança na sociedade como um todo! Onde o professor seja valorizado e reconhecido pela importância que tem o seu papel de formador de cidadãos; as escolas devem dar oportunidade e incentivar os trabalhos inovadores que apresentam bons resultados; as famílias precisam participar do processo de ensino-aprendizagem dos seus filhos e da vida escolar, e o aluno deve ver no seu professor um auxílio em sua caminhada, aquele capaz de lhe dar condições de buscar sua autonomia para alcançar o sucesso.

O professor não precisa escolher este ou aquele método. É de suma importância que ele conheça os seus alunos e disponha de várias estratégias de aprendizagem.

Também necessita saber o valor que tem sua postura neste processo, para que possa adequar a melhor prática pedagógica ao seu grupo de trabalho.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHALITA, Gabriel. **Educação: A solução está no afeto.** 8ª edição. Editora Gente, 2001

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais.** 2ª edição. Artmed, 2004

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora, uma prática em construção da pré-escola à universidade.** 12ª edição. Editora Mediação, 1993

PERRAUDEAU, Michel. **Estratégias de aprendizagem: como acompanhar os alunos na aquisição dos saberes.** Artmed, 2009

PERRENAUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens entre duas lógicas.** Artmed, 1999

TIBA, Içami. **Conversas com Içami Tiba, volume 3.** Integrare Editora, 2008